

Seção: Cartografias da Alma

A SAGA SANGRENTA DE UM ETERNO SIDEKICK¹!

Santiago Mozart Sena Fernandes²

Não sei por que decidi contar essa história pra vocês. Não gosto de expor minha vida pessoal na internet, nunca gostei. Sempre tive o cuidado de usar pseudônimos e nunca deixar minha foto aparecer fora das redes sociais. Mas há coisas que é preciso expor. Esse texto fala sobre o grito silencioso que saiu da minha garganta e pele por anos. Acho que agora já vale a pena transcrevê-lo... Afinal, quem sabe se lendo isso, mais alguém não se sinta inclinado a gritar aos quatro ventos por liberdade?

O racismo é um metamorfo. De todos os monstros pessoais que podem existir, ele é, talvez, o que tem mais formas: vai desde a brutalidade nazista até o que se disfarça de elogio. Sem medo de parecer autopiedoso, posso afirmar que, desde a minha infância, sofro com muitos tipos de racismo: já fui empurrado de atendente em atendente em uma loja, já ouvi mais apelidos maldosos do que consigo me lembrar, e mais olhares de desprezo, medo ou nojo do que consigo esquecer. Já fui rejeitado por garotas e lembro-me de ter apanhado uma ou duas vezes. Mas nada disso! Repito: nada disso chegou perto de ser pior do que a perseguição das pessoas em relação a meu cabelo.

Quando pequeno, como muitos outros garotos de quatro anos, eu achava meu pai um super-herói imbatível, um verdadeiro Batman fora dos quadrinhos. Meu pai, branco, tinha cabelo grande e, eu, é claro, queria imitá-lo a todo custo, ser como ele. Minha mãe entendeu a mensagem e deixou meu cabelo crescer. Ele era encaracolado e amarelo, beirando o dourado

¹ Na ficção, o sidekick é o principal ajudante do herói que protagoniza a narrativa

² Santiago Mozart, 17 anos, é estudante de Direito na Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

(sim, eu tinha cabelo dourado) e, depois de alguns meses, já tinha ganhado certo volume. Eu adorava meu cabelo, tinha orgulho dele e me achava uma espécie de sidekick do super herói, o mini pai, muito embora ele não ficasse caído para as orelhas como o de minha versão barbada. Chegou o dia, entretanto, que uma pessoa próxima da família, que prefiro manter no anonimato, decidiu que meu cabelo estava grande demais, que estava feio. Sem a permissão ou o conhecimento de meus pais, rasparam minha cabeça. Máquina zero, e todos os cachos foram embora.

Não foi por má intenção, não foi um ato de racismo planejado para me oprimir. Mas não deixou de ser racismo. Meus pais não gostaram, minha mãe gritou com muita gente, e eu fui levado para casa às pressas e aos prantos, sem entender muita coisa. Cortaram meu cabelo porque ele era grande, mas o cabelo do meu coleguinha da escola também era grande, e ninguém fazia nada! A única diferença era que o dele, que era maior que o meu, tinha forma de tigelinha e brilhava de tão liso. Se ele tinha o direito de ser o sidekick do pai dele, por que eu não tinha o direito de ser o do meu? Ele não era criança, como eu? Hoje eu entendo a irritação de minha mãe, entendo só agora o que ela viu há catorze anos: eu havia sido brutalizado. Sim, brutalizado. Cortaram meu cabelo, não por ser grande, mas por ser **crespo**. Aliás: por não ser **liso**. Eu era preto, e não tinha o menor direito de ter cabelo grande. Esse direito era restrito aos brancos e, talvez, aos asiáticos. Cabelo bonito era cabelo liso, o resto era resto.

Por outros motivos, nós nos mudamos e, durante os três ou quatro anos que se seguiram, eu vi nascer dentro de mim, ainda sem entender muito bem o que era, o desejo inexplicável de deixar meu cabelo crescer de novo. Agora eu tinha uns oito anos, já podia me defender, ninguém rasparia minha cabeça sem minha permissão. Não era forte, mas meus dentes eram funcionais. Quando meu cabelo ficou grande demais para ser domado apenas com um pente, minha mãe começou com hidratações e relaxamentos: embora ache o black power bonito, sei que dá trabalho demais, e ainda não tinha resistência a dor para trançar tudo de uma vez, de forma que a melhor solução era diminuir um pouco o volume.

Fiz o primeiro relaxamento num domingo. Na segunda-feira, eu recebi olhares tortos de **todo mundo**. Mas todo mundo *mesmo*. Do porteiro aos meus melhores amigos, passando por diretora, professores, zeladores e todos os colegas. Era como se houvesse chegado ali uma nova espécie de animal. Eram olhares frios, de desdém, de dúvida e, em um ou outro, eu vi até raiva injustificada. Era como se dissessem “quem ele pensa que é?” ou “ele não notou que o cabelo dele é crespo?”. Alguns me perguntaram “o que você fez com seu cabelo?”, com o tom de quem perguntaria a alguém que tivesse acabado de arrancar um olho o que ele havia feito com o próprio rosto. Outros, mais ousados, me disseram que estava horrível e muitas pessoas

simplesmente me rosnaram um “cabelo ruim!”. Mas o pior foi quando uma menina em especial olhou bem dentro dos meus olhos e disse: “isso está ridículo.” Talvez por ela ter sido o meu primeiro amor (ou o mais próximo disso no auge dos oito anos), ou simplesmente pela frieza do olhar, isso ficou marcado em mim. Isso eu nunca vou esquecer. Eu estava errado. Não podia me defender daquilo, e meus dentes, tão funcionais, só puderam ranger em revolta.

Sofri, apanhei, fui ofendido e aguentei. Depois de dois anos disso, nos mudamos outra vez, de volta para a terra natal, onde tudo começou. Atravessei os portões da minha antiga escola, dessa vez com o cabelo maior. Estava na metade da quinta série, com uns dez anos, um dito “pré-adolescente”. Essa é a época em que os garotos começam a querer se afirmar como homens, e alguns infelizes acharam que a melhor maneira de fazer isso era rebaixando os outros. E quem melhor para ser rebaixado que o novato fracote, caçula da sala, quase o único negro e, ainda por cima, com aquele cabelo estranho? Conheci o racismo unido ao machismo, e passei, além de “cabelo ruim”, a ser também o “viadinho”, e daí pra pior. Perdoem os termos, mas era assim que me chamavam, e não vejo motivo para cobrir com belas palavras a verdade cruel. Meu núcleo estava mais forte, mais resistente, graças à temporada de ofensas na outra cidade. Eu conseguia aturar xingamentos sem me incomodar, porque estava seguro de minha sexualidade e resistente a agressão verbal. Nada daquilo me atingia, e meus perseguidores notaram. Eu estava mais forte, mas a escola anterior não havia me preparado para agressão física.

Por um ano e meio, eu fui ameaçado. Ameaçavam me bater, me humilhar, me atacar no futebol, coisas do tipo. De vez em quando até faziam. Já apanhei algumas vezes porque era “viadinho”, e porque tinha o “cabelo ruim”. Um valentão em especial me disse que, no intervalo, iria pisar em meus dois testículos até que eles fossem esmagados. Esse mesmo cara, um ou dois meses depois, me disse que, no dia seguinte, traria uma tesoura para cortar meu cabelo à força. Ele levou. Não lembro como escapei, mas consegui manter minha cabeça intacta e repleta de pelos. Isso aconteceu em meio a todos os xingamentos de sempre e à omissão de professores e funcionários.

Mas o pior eram os “foras” das garotas. Eu estava fora do padrão de beleza vigente (nesse caso, bem abaixo), e todas as meninas ao meu redor faziam questão de deixar isso bem claro. Uma vez, uma chegou a dizer: “Ele não é tão horrível, não, o que estraga é o cabelo”. Foi o mais perto que cheguei de ser chamado de “bonito” naquela época. “Não é tão horrível, não”... Aquilo ecoou em minha cabeça por meses a fio... “O que estraga é o cabelo”... “O que estraga”...

Todo santo dia eu ouvia um “corte esse cabelo”, como conselho, aviso ou ameaça. Não cortei. Já haviam me forçado a fazer aquilo antes, já haviam me brutalizado uma vez, e eu não

permitiria que fizessem de novo! Resisti. Resisti porque era uma forma de luta. Era uma forma de dizer ao mundo: eu sou negro e eu sou livre! Eu posso ter o cabelo que quiser e seu racismo não vai me impedir!

O racismo está tão sedimentado na mente e na cultura do brasileiro que se vê celebridades, gente famosa, falando barbaridades como “cabelo ruim” em programas ao vivo, sem censura ou incômodo da comunidade. No dia-a-dia, todo mundo fala isso para se referir ao cabelo crespo. Como assim, *ruim*? Será que ninguém nota a força dessa palavra? O que mais tenho de ruim? A pele, o sangue, a raça, a índole? A coisa atingiu um nível tão absurdo que até a imagem de uma “Barbie negra”, que circula pela Internet, tem traços brancos. De negro ali, só a pele mesmo. O cabelo é liso, a testa é quadrada e os olhos são de um castanho que beira o verde. E todo mundo acha lindo e maravilhoso. Santa hipocrisia!

Não nos ensinaram a gostar de cabelo crespo: no máximo, uns cachinhos, e bem leves. Disseram (e dizem) à mulher negra que, para estar bem arrumada, ela deve passar escova, chapinha ou sei lá o que diabos se faz hoje para transformar o “cabelo ruim” em “cabelo bom”. E ao homem negro, ensinaram-lhe que era certo raspar a cabeça e perder o cabelo como uma ovelha perde a lã. Ensinaram-lhe a tosquiá a liberdade.

Conheci minha redenção apenas depois de terminar a escola. Foi só aos dezesseis anos que as pessoas passaram a gostar de meu cabelo, e algumas garotas, o que inclui minha namorada, a achá-lo bonito. Não entrei nessa luta para agradar ao mundo, entrei para vencer o racismo que me impuseram, para quebrar os grilhões em que me colocaram, para mostrar que eu era livre, para os outros e, principalmente, para mim mesmo. Hoje, com a aprovação no vestibular, vejo que as pessoas não entendem o motivo pelo qual eu não raspo minha cabeça, como manda a tradição. Não corto meu cabelo porque faz parte de mim, como meu nome, meus olhos ou minha personalidade. As mulheres não são carecas por que perderiam parte da identidade feminina. Seriam menos “elas”. Do mesmo modo, eu seria menos “eu”. E, pra quem diz que “cresce de novo”, releia esse texto até entender que “o buraco é mais embaixo”.



Sim, desgraçados, eu venci todos vocês! Venci seu racismo, sua discriminação, sua ignorância, venci tudo! “They may take our lives. but they may never take our FREEDOM!”

Depois de tantos anos de choro, luta, hematomas e rancores, quando ouço um babaca falar que eu vou “ter de raspar” ou que vai tentar fazer isso à força, é inevitável lembrar da minha infância, quando eu era uma criança indefesa de quatro anos que sofreu o que eu considero como um estupro psicológico. Depois de tanta violência, e de tanto racismo,

disfarçado ou explícito, não é um imbecil ignorante com uma maquininha que vai me parar. Talvez seja por isso, afinal, que eu tenha escrito esse texto: para dizer a todos (e a mim mesmo) que minha liberdade já não pode ser tomada de mim. Que eu serei, eternamente, o sidekick do meu pai.